

J. MATTOSO CAMARA JR.

HISTÓRIA E ESTRUTURA
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

2.^a edição

PADRÃO — LIVRARIA EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO / 1976

II

FONOLOGIA

I. PROSÓDIA

1. *O acento em português*

Convém começar o estudo da fonologia do português pela pauta acentual, ou prosódia, por causa da sua importância fundamental em todo o sistema fonológico.

O acento português é intensivo, mas não violento. É muito mais forte em Portugal do que no Brasil, com um grande contraste entre sílaba tônica e sílaba átona, que no Brasil não se verifica.

Integra-se necessariamente na intensidade um acento tonal, que é condicionado por ela e não tem pertinência fonológica. Em outros termos, o acento em português é uma relativa força expiratória, acompanhada de uma elevação da voz, que é dela conseqüente.

A altura da voz só tem função independente no plano da frase, onde estabelece linhas melódicas que constituem a entoação e caracterizam tipos frasais básicos ¹⁾.

O acento português é livre dentro dos limites compreendidos entre a última e a antepenúltima sílaba do vocábulo (vocábulo agudo, grave e esdrúxulo, respectivamente). A incidência não é condicionada pela estrutura fonológica que o vocábulo apresenta. Muitas gramáticas expositivas procuram estabelecer regras para a acentuação grave ou aguda, de acordo com o tipo de sílaba final; mas elas não passam de indicações sobre a maior ou menor frequência da prosódia dada como "regular", e a decisão sobre a fre-

¹⁾ Ainda muito pouco estudada rigorosamente quer em Portugal, quer no Brasil.

qüência, sendo impressionística, não será muitas vezes confirmada por uma rigorosa estatística ²⁾.

Em latim havia os limites entre a penúltima e a antepenúltima sílaba, e a incidência numa ou noutra dependia da quantidade da penúltima sílaba: se era longa, recebia o acento; se era breve, ele se deslocava para a imediatamente anterior ³⁾ (esdrúxulos: *persicum*, *solidum*, *apicula*, por exemplo; graves: *collina*, *partire*, etc.).

O desaparecimento da quantidade silábica em latim vulgar tornou o acento não-condicionado.

Por outro lado, surgiu a acentuação na última sílaba, porque em certas estruturas fonológicas de vocábulo a sílaba átona final se esvaiu e em outras estruturas se fundiu com a sílaba tônica precedente. Assim, *partire*, grave, deu port. *partir*, agudo, e o mesmo sucedeu a todos os vocábulos de sílaba final *-re* ou *-le*. Já numa estrutura como *aviolum* (cuja acentuação era grave em latim vulgar) viemos a ter *avô*, agudo, pela fusão do *u* final breve (latim vulgar /o/) com a tônica *o*; e este é o fenômeno normal, quando entre as duas vogais de timbre equivalente há uma consoante que se esvai.

Assim, a acentuação final tem uma origem românica, embora se tenha multiplicado, a seguir, com os empréstimos ⁴⁾.

2) É inegável a preferência pela acentuação aguda nos vocábulos em que a sílaba final é travada por /r/; mas há, não obstante, graves como — *açúcar* e alguns mais. Com o travamento por /l/ a distribuição estatística é mais equilibrada, por causa dos adjetivos em *-il* átono (ex.: *fácil*, *difícil*, *ágil*) afora os plurais dos nomes em *-il* ou *-el* átonos (*fáceis*) e derivados com o sufixo átono *-vel* (*amável*, *possível*, etc.). Com ditongos orais finais, os graves são raros (ex.: *jóquei*).

Com o ditongo nasal final *-ão*, a língua escrita mascara o equilíbrio da distribuição pela praxe de nos verbos adotar para esse ditongo a grafia convencional *-am* (graves: *órfão*, *órgão*, *sótão*, *amam*, *amavam*, *amaram* em oposição distintiva com *amarão*, agudo; e assim por diante). O uso de sinal diacrítico para assinalar o acento, na língua escrita, parte das conclusões a que se chegou quanto à distribuição pelo tipo de sílaba final.

3) A sílaba breve é a sílaba livre de vogal breve (*so-li-dum*); a sílaba longa é a sílaba livre de vogal longa (*par-ti-re*) ou a sílaba de vogal breve travada por consoante (*be-ne-dic-tum*).

4) Os agudos são frequentes nos empréstimos ao árabe (*alvará*, *alecrim*, *alizar*, *almotacé*, *anexim*, *azar*, *alguazil*, *algodão* etc.). No Brasil há com essa acentuação empréstimos ao tupi e às línguas africanas.

Os vocábulos portugueses de acentuação na antepenúltima sílaba raramente provêm da evolução no latim vulgar (um exemplo é *pêssego*, do lat. *persicum*). Salvo em poucas condições, houve na evolução românica ibérica (como também em francês) a supressão da sílaba átona precedente; daí, de *solidum*, *apicula* etc. termos *soldo*, *abelha* e assim por diante.

A maioria dos esdrúxulos portugueses decorre do empréstimo em massa de palavras do latim clássico, que se processou em português, especialmente a partir do séc. XVI; entre elas vieram palavras gregas que o latim clássico tinha adotado e adaptado à sua estrutura. Mais tarde houve empréstimos diretos do português ao grego clássico com a tendência a acentuá-los de acordo com o princípio geral da prosódia latina. Também aumentaram o número de esdrúxulos os empréstimos ao italiano pela língua literária portuguesa, a partir também do séc. XVI, pois em italiano não houve a supressão românica da penúltima sílaba átona dos esdrúxulos latinos.

De qualquer maneira, a acentuação grave é a mais freqüente em português, e a língua pode ser considerada de ritmo grave predominante.

Os esdrúxulos, especialmente, são um tanto marginais. Mesmo na língua padrão há imanescente a tendência a modificá-los: nos vocábulos derivados ou compostos, com o segundo elemento átono, tem-se deslocado para ele o acento (cf. *quadrumano*, lat. *quadrumānum*) e mesmo em vocábulos simples tem havido a deslocação por analogia (cf. *oceano*, lat. *oceānum*) ⁵⁾. A língua popular, no Brasil, se liberta dos esdrúxulos pela supressão do segmento fônico compreendido entre a vogal acentuada e a vogal final (ex.: *Petrópolis* para o topônimo *Petrópolis*; *exérço* em vez de *exército*; *glóbo* substituindo *glóbulo*).

5) A disciplina gramatical costuma a atribuir essa deslocação do acento à influência francesa, sem perceber que tal influência, quando é inegável, apenas se acrescenta a uma tendência imanescente. Contrariando-a, o ensino gramatical normativo tem muitas vezes criado confusão com dualidades de prosódia e também provocado ultracorreções, como a de *púdico*, esdrúxulo, ao lado de *pudico*, grave (lat. *pudicum*) por causa dos numerosos vocábulos com suf. *-ico* átono (lat. *-icum*) (*italico*, *fatídico*, *típico*, etc.).

Dentro da língua padrão, não obstante, a acentuação esdrúxula está bem radicada, e, como dissemos de início, o acento é livre nos limites da última à antepenúltima sílaba. Tem por isso uma função distintiva inegável; comparem-se — *dúvida*, subst.: *duvida*, verbo no pres.; *duvidara*, verbo no pret.: *duvidará*, verbo no fut. A pauta *dúvida*: *duvida* rege uma oposição freqüente entre substantivo e verbo cognato no presente (*rotulo*: *rotulo*, *número*: *numero*, etc.); a oposição *duvidara*: *duvidará* é, por sua vez, permanente entre os dois tempos verbais em todos os verbos portugueses (*amara*: *amará*, *temera*: *temerá*, *partira*: *partirá*, e assim por diante).

2. Função demarcativa do acento

Ao lado da função distintiva, o acento em português tem uma função demarcativa do vocábulo, que na língua padrão do Brasil é particularmente nítida.

Essa função pode, à primeira vista, parecer estranha, dada a natureza limitadamente livre do acento.

Para compreendê-la é preciso atentar em que há uma diferença suplementar prosódica (muito firme no Brasil) entre as sílabas átonas do vocábulo. As que precedem a sílaba acentuada ou tônica (pretônicas) têm uma ligeira força expiratória que as distingue das átonas (final ou duas últimas finais) que se seguem ao acento grave ou esdrúxulo e são caracteristicamente débeis (postônicas)⁶⁾.

Já por si o acento assinala a existência de um vocábulo fonológico. Numa emissão de fala contínua, sem pausa intercorrente (grupo de força), há tantos vocábulos fonológicos quantos são os acentos; o último, que é necessariamente o mais forte e se opõe aos anteriores mais atenuados, marca o fim do grupo de força e prediz uma pausa:

três grandes livros
2 2 3

⁶⁾ Na realidade a sílaba que se abre pela primeira consoante do vocábulo é ligeiramente mais forte que as pretônicas seguintes; mas essa diferença pode ser ignorada quanto à relevância fonológica demarcativa. Em Portugal é só essa sílaba de primeira consoante que tem atonicidade mínima; as demais pretônicas são fonologicamente tão débeis como as postônicas.

Entre esses cumes acentuais, as sílabas se distribuem como menos ou mais átonas e se assinalam como pretônicas e postônicas, respectivamente:

oitenta volumosos livros
1 2 0 11 20 3 0

Assim, nos vocábulos isolados, a partir dos monossílabos, temos a pauta acentual: ... (1)-(1)-3-(0)-(0); ou seja:

só — amor — casa — sólido — esplêndido — celebridade
3 1 3 3 0 3 0 0 1 3 0 0 1 1 1 3 0

Portanto, no grupo de força, uma atonicidade máxima (grau 0) seguida de atonicidade mínima (grau 1) ou de acento (grau 2 ou grau 3) marca um fim de vocábulo, da mesma sorte que um acento (grau 2) seguido logo de outro (grau 2 ou grau 3) ou de atonicidade 1:

três grossos livros, três cadernos
2 2 0 3 0 2 1 3 0

É o que nos permite, na pronúncia normal do Brasil, pelo menos, distinguir duas seqüências homofonêmicas *celebridade* (um só vocábulo) e *célebre idade* (dois vocábulos: um substantivo precedido pelo adjetivo determinante), visto que a vogal de *idade* é absorvida pela vogal final de *célebre*, cuja atonicidade máxima persiste.

/selebridadi/
1 1 1 3 0 (*celebridade*)

/selebridadi/
2 0 0 3 0 (*célebre idade*)

3. Vocábulo fonológico e vocábulo formal

Assim, o vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de atonicidade possíveis antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico à "forma livre" de Bloomfield⁷⁾.

⁷⁾ Uma forma lingüística indivisível, ou só divisível em formas presas, que pode constituir comunicação isolada (cf. Bloomfield, 1933, 160).

Sabemos, porém, que as unidades do plano fonológico e as do plano mórfico não coincidem necessariamente.

Em português, há um tipo de vocábulos formais que não têm a marca fonológica do acento e sempre se enunciam como uma sílaba inicial ou final de um vocábulo fonológico, onde figuram como sílaba átona pretônica ou postônica, respectivamente (posição clítica)⁸⁾. A sua individualidade formal se manifesta pela possibilidade de mudar de posição (inicial ou final) dentro do vocábulo fonológico ou de admitir, como sílaba inicial, a intercalação, de si para o resto do vocábulo, de uma, duas ou mais formas livres, à primeira das quais se incorpora fonologicamente.

A posição variável se dá com os pronomes pessoais adverbiais: podem preceder a forma verbal como nova sílaba inicial (posição proclítica) ou a ela se seguir como nova sílaba final (posição enclítica): *o menino se feriu* — *o menino feriu-se*. A intercalação livre ocorre com outra série de clíticos, sempre em posição proclítica, como o artigo e as preposições: *o livro de Camões* — *o belo e imorredouro livro do grande poeta Camões*.

A posição proclítica admite, em regra, uma modalidade estilística de acento em grau 2, por ênfase, com ou sem pausa enfática ocorrente. Isso dá aos proclíticos a oportunidade de um *status* de vocábulo fonológico, e no Brasil concorre para esse *status* o vocalismo dos proclíticos, que, como veremos, não é exatamente o das sílabas pretônicas.

Outra falta de coincidência entre o vocábulo fonológico e o formal é, em sentido oposto aos clíticos, a existência da justaposição de dois vocábulos fonológicos num só vocábulo formal. A justaposição é bastante freqüente na morfologia nominal portuguesa: *guarda-chuva*.

⁸⁾ Em princípio são monossílabos. Mas para a posição inicial há um ou outro clítico de duas sílabas, como a preposição *para* (cf. *para aqui* "nesta direção" em oposição com *pára aqui* "detém-te aqui"), e, em posição final, é possível, se bem que desusado na língua oral do Brasil, aparecerem dois clíticos monossilábicos em seguimento (*ouve-se-lhe o ruído*).

Aí, a pauta prosódica apresenta dois acentos sucessivos, de grau 2 e grau 3, exatamente como um grupo de força com duas formas livres:

guarda-chuva
2 0 3 0

forte chuva
2 0 3 0

A distinção entre as duas seqüências pertence exclusivamente ao plano mórfico-semântico. *Guarda-chuva*, por exemplo, é uma unidade mórfico-semântica diversa de *chuva*, ao passo que em *forte chuva* temos sempre *chuva* com um determinante a mais. Por isso, é suprimível o primeiro elemento da seqüência numa frase como — *Caiu uma (forte) chuva*; mas em *guarda-chuva* a supressão de *guarda* desfaz a entidade lexical.

Na formação das palavras, em português, o processo da justaposição, mantendo dois vocábulos fonológicos dentro de uma unidade formal, se opõe à aglutinação, em que o elemento formador se incorpora no vocábulo fonológico mais simples⁹⁾.

II. O VOCALISMO

4. Evolução do sistema latino

O sistema vocálico latino consistia no chamado triângulo de vogais cardiais: uma vogal central (ou ligeiramente anterior) baixa, em que a língua fica praticamente em posição de repouso (/a/), duas anteriores, com um avanço em dois graus para a parte anterior da boca e uma concomitante elevação gradual, respectivamente média e alta (/e/, /i/), e duas outras posteriores, com um correspondente recuo e elevação gradual da língua, acompanhado de um arredondamento dos lábios (/o/, /u/). A realidade fonológica

⁹⁾ Pode criar até oposição distintiva; cf.: *extra-ordinário* e *extraordinário*
2 0 1 1 3 0 1 1 1 1 3 0
ex-posição e *exposição*.
2 1 1 3 1 1 1 3